



José de Faria Costa/  
Francisco d'Eulália

# A Armando Alves: com palavras

Duas palavras prévias. A primeira para dizer que há pessoas a quem se não sabe dizer não. Mais. A quem se não pode dizer não. Porquê? Primeiro porque são pessoas encantadoras, depois porque são amigas. Depois ainda, porque sim. E ao ter sido convidado pelo mentor do livro e pelo próprio homenageado enlaçou-se em mim uma dupla obrigação de genuína e consentida aceitação a que se não podia fugir. Por isso não fugi. Não podia e não queria. Daí aqui estar.

Os actos colectivos ou grupais de apresentação de um livro têm necessariamente uma estética. Há uma estética da apresentação, sem dúvida. E, nesse sentido, para sermos breves, podemos expor vários modelos ou figuras expositivas. Várias maneiras de apresentar. Deixemos correr um pouco à desfilada a nossa imaginação e permitam-nos alinhar duas ou três formas possíveis, esteticamente legítimas, frescas e louváveis, de apresentação de um livro. Começemos.

Poderia ter um exemplar do livro a apresentar no centro da mesa com um foco de luz a dar-lhe relevo intenso. Depois entrava na sala sentava-me, baixava a cabeça cumprimentando todos e estaria, tal como John Cage, precisamente 4 minutos e trinta e três segundos, absolutamente calado e, de seguida, levantar-me-ia em silêncio e sairia apontando com gesto "largo e moscovita" o livro iluminadíssimo que continuava no centro da mesa.

Poderia, em atitude tardo-decadentista e de pseudo-ruptura cultural, entrar com um exemplar na mão e enquanto passeava, silenciosamente, ia rasgando, uma a uma, as folhas do livro que entregava gentilmente a cada uma das pessoas presentes. Todos os que aqui estão ficariam com um pedaço etéreo do livro e do seu conteúdo.

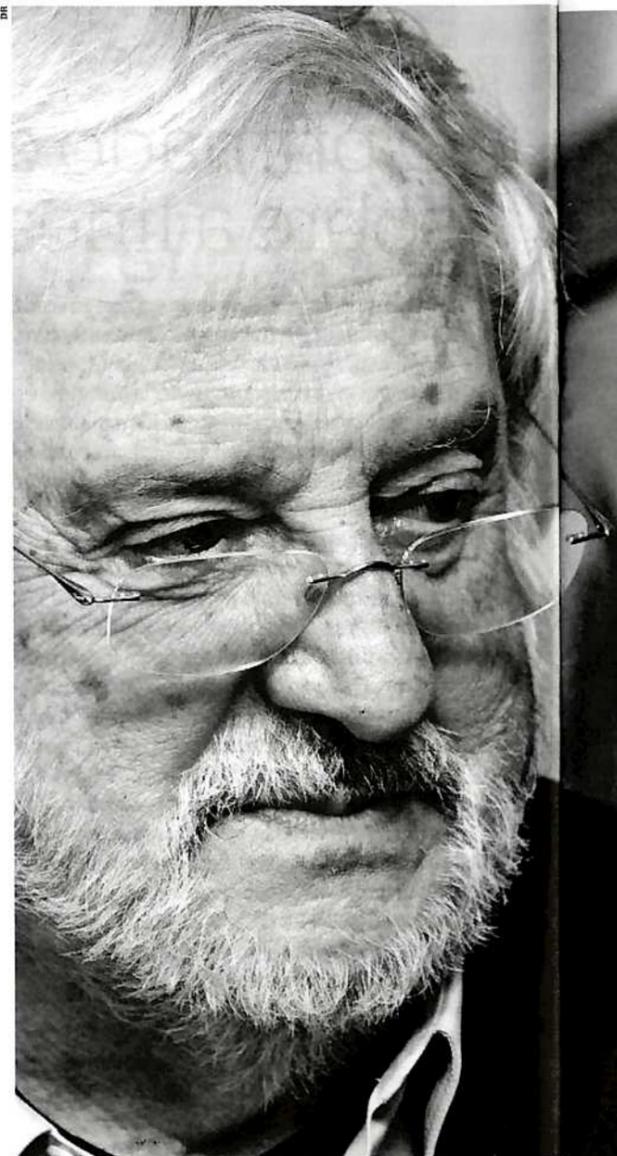
Poderia ter pedido para se fazer uma "montanha" de livros que estaria no sítio onde está esta mesa e, para subir ao cimo da pequena montanha, uma escada de livreiro. Subiria e do alto começaria a lançar livros para a assistência. Seria a dádiva do lançamento. Talvez esteja aqui a raiz do lugar comum "lançamento de um livro".

Tudo isto poderia fazer e estaria a exteriorizar uma estética da apresentação. Uma es-

tética da apresentação que seria silêncio, figuração, representação, movimento, imagem, independentemente das conotações e denotações valorativas - algumas, por certo, talvez pouco abonatórias - que lhe estariam subjacentes.

Porém, aqui, hoje, espera-se a palavra. A palavra que nos une, nos acolhe, nos transfigura, nos figura, nos destrói, nos sublima, nos ama, nos odeia, nos amarfanha, a que nos entregamos, de que nos afastamos, a que nos damos, que nos redime. Sim. Pela palavra tudo isso fazemos e somos, quer como ser-comigo, quer como e definitivamente ser-com-os-outros. Pela palavra, pois, devo apresentar esse objecto mágico a que alguns teimam em chamar livro. Mas creiam: é um objecto misterioso e mágico. Não duvidem. O livro.

E é justo que assim seja. É bom que se apresente "Escrito na cal" pela palavra. Primeiro porque não seria capaz, mesmo que quisesse, de fazer qualquer uma daquelas "performances", não por obstrução ou inibição atávica ao desconcertante, ao que está fora de cena, ao destrutivo que é reconstrução, que amo e é agulhão da verdadeira criatividade, ou sequer por medo do sussurrar recriminador que se poderia ouvir ou pressentir nas consciências bem pensantes da sala, mas antes e definitivamente pela razão bem comezinha de que não é de minha natureza fazê-lo. Depois, e aqui começam as razões substanciais, porque José da Cruz Santos é um homem da palavra que esteticamente faz plasmear e cristalizar em letra de forma nos mais belos livros que a arte da "imprimissão" nos é capaz de oferecer, neste nosso tempo do etéreo perene que é o digital. Acresce, por seu turno e em complementaridade que dá sentido à unidade, que Armando Alves, pintor que tantos e tantos Amigos homenageiam, justamente na forma de livro, na forma de palavra, fora da tela é um conversador nato. Sim, um daqueles conversadores que ouvindo os outros fala com eles pelo olhar, pelo sorriso, pela placidez, pelo silêncio, e, de quando em vez, com tiradas reflexivas de quem escutou e quer falar quando tem alguma coisa para dizer. Um daqueles conversadores que encheriam de orgulho o primeiro Wittgenstein, o do *Tractatus logico-philosophicus*, que recomendava, como todos sabe-



mos, que quando nada temos para dizer nos devemos calar.

Mas, em verdadeiro rigor, o que posso eu apresentar? Para lá de o livro valer por si e em si, enquanto artefacto superior da "arte da imprimissão", ter um conjunto fantástico de textos densos, reflexivos e cheios de verdadeira *amicitia*, enlaçados por belos poemas, que o encham de um valor que salta à vista do mais desatento a que acresce ser aberto por um extraordinário, minucioso, sagaz e sabedoramente articulado prefácio, se as coisas são, indubitavelmente, assim, então, que mais poderei acrescentar? Sim, porque entendo que qualquer apresentação deve, em linha de máxima, dar ou emprestar, por mínimo que seja, um traço que se assumia ou veja como enriquecedor. Se tudo está certo não deveria ser sensato eu calar-me? Talvez. Mas vou ousar dizer mais qualquer coisa, sustentado sempre no espírito que aceita a razão como única forma de sermos

sendo e não falar só porque tenho de apresentar este belo livro.

A razão crítica, não a auto-suficiente e soberba mas a que aceita o desencanto e o erro como o seu inescapável reverso, é fonte inescapável de outros olhares e, mais importante, centro de imputação de outros cruzares de racionalidades sensíveis.

Sim, faz todo o sentido interrogarmo-nos, aqui e agora, sobre o significado mais fundo que envolve ou implica um livro de homenagem.

Por certo que este livro de homenagem tem asa e raiz que o distingue dos chamados livros institucionais de homenagem. É um livro de amigos. Parte de um amigo forte que lança pontes de amizade com a mestria de um *pontifex* - falo obviamente de José da Cruz Santos, a que se juntaram tantos e tantos amigos, entregando, em dádiva, aquilo que mais amam: palavras. Palavras que são poemas, que são reflexões, que são introspecções e projecções sobre Armando Alves mas, acima de tudo, sobre a sua extraordinária pintura. Todavia, o que é interessante e se deve salientar é que tudo se condensa, se cristaliza, nesse objecto mágico e às vezes misterioso, repito sem me cansar, que conhecemos pelo nome comum de livro.

Porém, este acto de homenagem corresponde a uma certa época, a um certo tempo, a um determinado *Zeitgeist*, a um modo de enaltecer quem gostamos e quem admiramos mas que, sejamos lúcidos, está em crise. E duplamente em crise. E não falo da crise da espuma dos dias, falo da crise que está para lá disso ou antes disso. Da crise, como ponto de ruptura e de viragem. E no que diz respeito àquilo que, ora, nos preocupa, todos o sabemos, a crise aflora e repercute-se no objecto físico, mágico e de papel que é o livro, que o está a erodir, a desgastar, a mortificar mas também e indesmentivelmente é uma crise sobre a amizade, os sentimentos, os afectos que, queiramo-lo ou não, foram os *fundamenta* para que este livro nascesse e esteja agora nas nossas mãos. Tenho para mim que este nosso tempo é um tempo de crisálida. Qualquer coisa está para nascer. Duvido que sejam borboletas. Mas também não creio que sejam monstros. No entanto todo o cuidado é pouco. Nada do que é humano e bom se deve dar por adquirido. E a história está cheia de hiatos, buracos, alcapões peçonhentos, lugares do mal e da destruição. Basta só olhar um bocadinho para trás. Não é preciso ir muito longe. Mais. Podemos mesmo olhar para este doloroso presente. Por isso podemos e devemos tentar descortinar os sinais dos tempos. Podemos. Devemos. Serão sempre só tentativas. Mas mesmo que sejam só tentativas isso faz com que não nos estejamos a demitir. É estranho como a mera assunção de uma tentativa é capaz de nos cobrir com o manto diá-

fano da satisfação do comprometimento ético. Porém, é assim.

Contudo, não tenhamos dúvidas: aqui, uma coisa é certa e consumada. Temos um livro de homenagem. De homenagem levada a cabo por Amigos, sendo de destacar, dentre eles, José da Cruz Santos. E temos um homenageado. Um homenageado que, a tantos títulos, merece ser homenageado. Desde logo, porque ao longo da vida acrescentou beleza à nossa pobre existência e nesse sentido, nesse sentido mais fundo, acrescentou ser ao ser, o que muito poucos ou só raros são capazes de conseguir. Cada um de nós, independentemente de sermos amigos íntimos ou só conhecidos de Armando Alves ou simplesmente admiradores anónimos sabemos que fomos enriquecidos pela sua pintura, por tudo aquilo que ela nos deu, nos dá e nos continuará a dar. E isto suspende a crise funda. A crise do livro. A crise dos afectos nobres e não dos delico-doces. E porque é assim, permitam, sendo eu um pessimista da razão mas um optimista da vontade, que não concorde com o nosso grande, enorme, Camilo Castelo Branco em um determinado ponto do belo e infinito mar de palavras que escreveu.

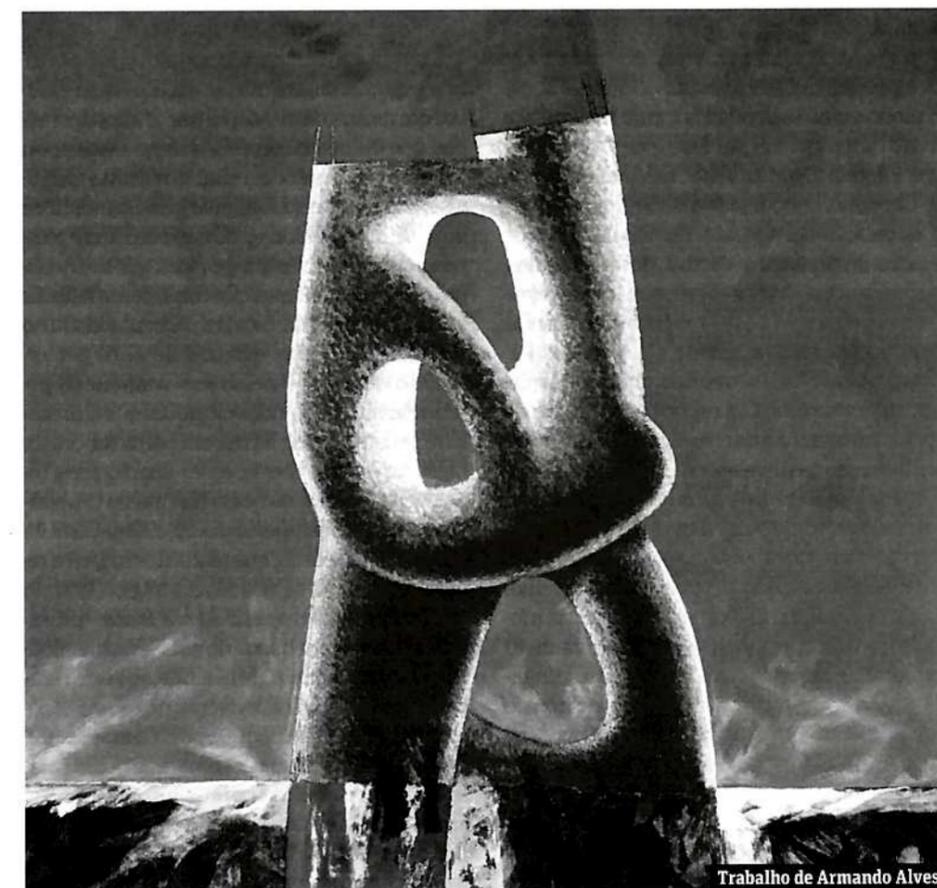
Como sabemos, Camilo, no final da *Braziliera de Prazins*, termina, interrogando o leitor com palavras duras, ásperas e até azedas. Escreve: "O leitor pergunta:

- Qual é o intuito científico, disciplinar, moderado, deste romance? Que prova o conclui? Que há aí proveitoso como elemento que reorganize o indivíduo ou a espécie?

Respondo: nada, pela palavra, nada. O meu romance não pretende reorganizar coisa nenhuma. E o autor desta obra estéril assevera, em nome do patriarca Voltaire, que deixaremos este mundo tolo e mau, tal qual era quando cá entrámos".

Ora, contra Camilo, eu digo: pela palavra tudo. Pela palavra nos organizamos, nos destruimos, nos batemos, nos defendemos, somos. Pela palavra criamos "Escritos na cal". Pela palavra que ouvimos, que vemos, que foi pensada e que é transportada nos "Escritos na cal" vamos sair daqui, talvez, um niquinho menos tolos e menos maus. O que sendo pouco é tanto. Bem hajam, pois, primeiro que tudo, Armando Alves mas outrossim José da Cruz Santos. Pela palavra que me fizeram falar e eu, falo por mim, já me sinto um nadinha, só um nadinha de nada, menos tolo e menos mau.

Com as mais sinceras desculpas a Voltaire e a Camilo, permito-me, pois, fechar estas descosidas mas sentidas palavras, precisamente com a palavra poética do grande ideador e construtor da jóia que é "Escrito na cal": "onde ao longo da vida soubeste acolher/o que mais belo te foi oferecido,/e com isso sentirei/que se cumpre mais uma vez/a amizade".



Trabalho de Armando Alves